

PORQUE (RE)LER O *ESPÍRITO DAS ROUPAS*?

Why (re)read the Spirit of Clothes?

Bonadio, Maria Claudia; Dra.; Universidade Federal de Juiz de Fora,
mariaacbonadio@uol.com.br¹

Resumo:

Neste artigo observo como a abordagem de Gilda de Mello e Souza sobre a moda em seu livro *O Espírito das Roupas*, escrito em 1950 e publicado em 1987 pode ser considerada visionária para a época de sua produção, antecipando temas, metodologias e questões, como: conexões entre arte e moda; corpo e moda; e a importância da moda para a constituição das identidades de gênero – as quais iriam pautar grande parte da historiografia sobre moda produzida desde o último quartel do século XX.

Palavras-chave: estudos sobre moda, identidade de gênero, arte e moda, corpo e moda.

Abstract:

In this paper I aim to observe how the approach of Gilda de Mello e Souza on fashion, in her book *O Espírito das Roupas (The Spirit of clothes)* written in 1950 and published in 1987 can be regarded as visionary at the time of its production, anticipating subjects, methodologies and issues, that would guide the historiography of fashion produced since the last quarter of the twentieth century - such as connections between art and fashion; body and fashion; and the importance of fashion for the constitution of gender identities.

Keywords: fashion studies, gender identity, fashion and art, body and fashion.

¹ Doutora em História pela Unicamp, docente no Mestrado em Artes, Cultura e Linguagens e do Departamento de Artes e Design do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora.

O livro *O Espírito das Roupas: A moda no século dezanove* de autoria da socióloga Gilda de Mello e Souza foi lançado em 1987 pela editora Companhia das Letras. A obra era resultado de sua tese de doutorado defendida na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras na Universidade de São Paulo (USP) em 1950, sob orientação do sociólogo francês Roger Bastide. Por ocasião da sua publicação pouca coisa foi modificada, pois era objetivo da autora “conservar, no sentido mais amplo, a data da elaboração do trabalho”. (SOUZA, 1987, p.7)

Como a própria autora ressalta na apresentação do livro, à época em que foi defendida, a tese era um “desvio em relação às normas predominantes nas teses da Universidade de São Paulo” (SOUZA, 1987, p.7), pois tratava de um tema considerado menor, fútil, coisa de mulher (PONTES, 2006). Também o estilo da escrita, mais ensaístico, se distanciava do que era o padrão no período, bem como a forma através da qual elaborou o trabalho – construído a partir da análise e citação de fontes literárias, fotografias, gravuras e pinturas.

Por seu tema, e sua forma ensaística, a tese destoava do que era “a concepção de sociologia dominante na época. Animada por um “espírito” cientificista, afeita à ideia positivista de pesquisa como sinônimo de análise sistemática da realidade”. (PONTES, 2004, p.90) Assim, questões relativas à dimensão estética da vida cotidiana eram deixadas à margem do universo entendido como científico e sociológico no âmbito da USP – já naquela época a maior universidade do país.

Por ocasião de sua defesa, a tese não causou grande impacto no campo sociológico e foi publicada unicamente nos Anais do Museu Paulista, revista científica que àquela época era de circulação restrita². Como bem apontou seu ex-aluno e professor da USP Bento Prado Júnior, antes de sua publicação em livro a tese “estava escondida” no volume V da referida revista (2006, p. 17).

Quatro anos após a defesa da tese, Gilda de Mello e Souza se tornou professora de Estética do curso de Sociologia da USP, posto considerado periférico no âmbito das Ciências Sociais no período. Como professora de

² Hoje a revista ganhou maior alcance, pois os números produzidos desde 1993 estão disponíveis na internet através do link: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issues&pid=0101-4714&lng=pt&nrm=iso, acesso em 21/05/2015

Estética (foi fundadora da disciplina) permaneceu na USP até sua aposentadoria em 1973³.

A aceitação discreta de sua tese de doutorado é possivelmente um dos motivos que a levaram a voltar seus estudos para a literatura e mais especificamente para a obra do literato e estudioso da cultura brasileira Mário de Andrade (que era primo de seu pai e com quem conviveu durante a juventude).

Sobre moda e vestuário publicou dois outros ensaios: “Macedo, Machado, Alencar e as roupas”, no qual analisa a importância da indumentária na constituição da narrativa de três dos principais romancistas oitocentistas brasileiros, publicado em 1995 na revista *Novos Estudos Cebrap*. No. 41 e “Notas sobre Fred Astaire” veiculado na coletânea “A ideia e o figurado” de 2005. Nesse texto a atuação do ator-cantor e dançarino nos filmes hollywoodianos é analisada a partir da associação entre dança e as peças do seu vestuário, como o fraque, a cartola e a bengala.

Se em 1950 a tese não causou grande furor entre os intelectuais, sua publicação em livro foi muito bem recebida, de tal forma que passados quase 30 anos de sua publicação, o livro continua sendo bastante citado e sua quinta edição publicada em 2012 está esgotada. A boa aceitação do trabalho e vendagem do livro podem ser explicadas basicamente por dois fatores: as transformações ocorridas no âmbito das ciências humanas no campo das ciências humanas, “promovida em larga medida pela antropologia, pela sociologia da cultura e pela história das mentalidades” (PONTES, 2004, p. 16) e o crescimento do ensino e da pesquisa sobre moda no país⁴.

Neste artigo, pretendo observar como a abordagem de Gilda de Mello e Souza acerca da moda em seu livro *O Espírito das Roupas* pode ser considerada visionária para a época de sua produção, antecipando temas e questões, tais como: a relação entre arte, corpo e moda, e a intersecção entre moda e gênero. Em sua percepção da moda não era entendida apenas como uma forma de opressão feminina, mas também uma válvula de escape para as mulheres das elites, que entregues às sedas e brocados podiam constituir um

³ Foi convidada a criar a disciplina pelo professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, João Cruz Costa (GALVÃO, 2006)

⁴ Sobre o tema ver BONADIO, 2011 e PIRES, 2010.

universo próprio, sobretudo nas ocasiões das festas. Em resumo, viso investigar como e porque o livro *O Espírito das Roupas* pode ser considerado uma obra canônica no campo da moda no Brasil.

Breve trajetória

Gilda de Mello e Souza nasceu em 1919 em São Paulo, mas foi criada no interior do estado, na cidade de Araraquara. Voltou para São Paulo aos 12 anos para cursar o secundário, onde passaria a morar na casa de Mário de Andrade, que “orientava suas leituras e corrigia seus trabalhos” (GALVÃO, 2006, p. 107). Em 1937 iniciou a Faculdade de Filosofia na USP, obtendo o título de bacharel em 1939 e concluído a licenciatura em 1940, tendo sido uma das primeiras mulheres a se formar naquela universidade.

Em 1941 fundou, juntamente com seu futuro marido, Antônio Cândido (com quem se casaria em 1943⁵), Décio de Almeida Prado, Emilio Salles Gomes, Ruy Coelho, Lourival Gomes Machado entre outros, a revista literária *Clima* - com a qual colaborou escrevendo textos literários⁶.

Entre o final dos anos 1960 e início dos anos 1970 foi chefe do departamento de Filosofia da USP e no período fundou a revista *Discurso* – até hoje uma das mais importantes da área no país. Naquele momento, no qual a produção universitária era frequentemente reprimida pelo governo militar, a publicação científica constituiu-se em importante espaço para debates de ideias na área de Filosofia e humanidades.

Sua atuação na USP seria reconhecida em 1999, quando recebeu o título de professora Emérita daquela instituição.

Ao longo de sua trajetória intelectual dedicou-se especialmente ao estudo das artes e da produção literária de Mário de Andrade, principalmente à sua principal obra *Macunaíma*, cuidadosamente analisada em *O tupi e o alaúde* publicado em 1979. No ano seguinte publicou seu segundo livro *Exercícios de Leitura*, que reunia diversos ensaios da autora, nos quais tratava de estética,

⁵ Antônio Cândido (1918 -) é professor aposentado da USP e um dos mais importantes intelectuais brasileiros vivo, tendo publicado mais de uma dezena de livros, entre os quais “Literatura e Sociedade” que analisa a importância da literatura na formação da identidade nacional brasileira. Juntos, Gilda e Antônio tiveram 3 filhas, a mais velha, Ana Luiza Escorel é designer e dona da editora Ouro Sobre Azul, que veem publicando coletâneas sobre o trabalho de sua mãe, bem como reunindo textos esparsos escritos por ela. As outras duas filhas seguiram a carreira dos pais e hoje são professoras do departamento de História da USP, são elas Laura e Marina de Mello e Souza.

⁶ Todos os membros do grupo acima referenciados se tornariam professores da USP.

artes, cinema, teatro e literatura. Somente em 2005 (ano de sua morte) é que foi publicada uma segunda coletânea com seus textos, *A ideia e o figurado*, que também reúne textos sobre arte, cinema, literatura e moda.

Seu trabalho mais conhecido e que mais repercutiu nos meios acadêmicos é, entretanto, o livro resultante de sua tese de doutorado. Numa pesquisa realizada no site www.google.scholar.com.br em 04/05/2015, *O Espírito das roupas* é seu livro que mais acumula citações, 210 no total, ao passo que *O Tupi e o Alaúde*, publicado há mais tempo, conta com 77 menções na base científica.

Como observarei adiante, a trajetória de Gilda pode ser considerada relevante, se não determinante na forma como passa a interpretar seus objetos de pesquisa. Casada com Antônio Cândido, cuja obra ganhou destaque entre os círculos intelectuais já na década de 1950 e vinda de um grupo (Clima) no qual era a única mulher a atuar, Gilda passa a observar como as práticas cotidianas e dentre estas o vestir, a moda e as festas podem ser considerados micropoderes femininos.

Para além do pioneirismo

O Espírito das Roupas foi lançado no mesmo ano em que passaram a funcionar no Brasil os primeiros cursos de ensino superior de moda. O trabalho logo se tornou bibliografia desses cursos, o que possivelmente impulsionou sua popularidade texto, uma vez que em 1987 eram pouquíssimos os livros oriundos de estudos acadêmicos e que abordassem o tema, publicados em português. Entretanto, a escassez de títulos por si só não justificariam a boa aceitação da obra, pois muitos dos títulos sobre moda que chegaram ao mercado editorial nacional ainda no final dos anos 1980 nunca foram reimpressos ou tiveram segunda edição. Tampouco são citados como referências de outros trabalhos. É, portanto, o olhar aguçado de Gilda de Mello e Souza sobre a moda que traz vigor para obra. .

Ao que indica a reportagem publicada no jornal *Folha de S. Paulo* por ocasião do lançamento do livro, a obra era “um tesouro bibliográfico” que merecia maior divulgação do que aquela com a qual contará até o momento. Por outro lado publicar o livro por uma editora de maior porte era algo que há muito tempo Gilda almejava, e seu livro teria sido deixado bem “banho Maria”,

por diversas editoras, até que três décadas e meia após a defesa da tese a Companhia das Letras honrou o compromisso de publicá-lo⁷. (23 de agosto de 1987)

Na mesma reportagem, a autora afirmou que “a moda assumiu com o transcorrer do tempo uma atualidade inesperada” (23 de agosto de 1987). O mesmo pode ser dito sobre seu livro, que nos idos da década de 1950, não só irá tratar de moda, mas irá fazê-lo de forma inusitada para o período tendo como foco principal a relação da moda com a identidade de gênero – tema que irá ganhar espaço na academia nas décadas de 1980 e 1990⁸.

Em sua análise, Gilda observa como as transformações sociais ocorridas na Europa após a Revolução Francesa aboliram o privilégio de sangue e impulsionaram o crescimento da burguesia, de modo que os homens de negócios e suas famílias ganham protagonismo na sociedade do século XIX. Como consequência os tecidos vistosos e coloridos que antes vestiam os homens da moda do século XVIII, ou seja, aqueles pertencentes à nobreza começaram a se “apagar”, pois o homem bem sucedido do século XIX não deveria mais se destacar pelo excesso de suas roupas, mas pelo sucesso nos negócios.

Por outro lado, e possivelmente a partir da leitura de *A teoria da classe ociosa* de Thorstein Veblen (1857-1929), a autora observa que eram as mulheres e sua vestimenta volumosa, colorida e cheia de detalhes deveriam simbolizar em público a possibilidade do consumo conspícuo da família. Assim, se a roupa masculina se “simplificou”, o vestuário feminino vai ganhando complexidade e exuberância, num jogo de formas, que vão se transformando ao longo das décadas – mudanças essas, que Gilda demonstra a partir de ilustrações por ela elaborada e que comparam as mudanças nas silhuetas masculinas e femininas ao longo do século XIX.

Entretanto, destoando da ideia corrente propagada por J.C. Flügel em *Psicologia das Roupas* (1930), a respeito da “grande renúncia masculina” em

⁷ A Companhia das Letras é uma editora nacional de grande prestígio fundada em 1986 por Luis Schwarcz e Lilian Moritz Schwarcz (professora do Departamento de Antropologia da USP). Desde então veem publicando livros resultantes de trabalhos acadêmicos de importantes pesquisadores brasileiros das áreas de Ciências Humanas, Artes e Literatura. Além disso, a editora é também responsável pela publicação no Brasil de traduções de importantes obras nas referidas áreas, tais como a coleção “História da Vida Privada”, e diversos livros de autores internacionais como Eric Hobsbawm, Carlo Ginzburg, entre outros. A editora publica ainda traduções de romances, alguns dos quais bastante premiados, e desde edita em português obras do catálogo da Penguin Classics.

⁸ Sobre o tema ver: MATOS, Maria Izilda S. de; SAMARA, Eni de Mesquita; SOIHET, Raquel. *Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUC, 1997.

relação à moda no século XIX (ainda que sem mencionar essa discordância, pois travar embates com autores não era do feitio de Gilda de Mello e Souza), notava que mesmo abrindo mão de uma variedade de cores, tecidos e formas, seria exagero dizer que os homens teriam no período aberto mão da vaidade, uma vez que a observação de fotografias e pinturas do final do século XIX nos revelam uma grande variedade de barbas e bigodes bem cuidados e por vezes em formatos bastante elaborados, o que demonstraria cuidado e preocupação com as aparências.

Os cuidados dos homens com o parecer se observava ainda no “manejo concomitante da cartola, da bengala e das luvas”, o qual era marcado por uma “ritmia especial de movimentos que se espraiava no jogo harmonioso da saudação, na própria cadência do andar, a classe revelando-se com a mesma segurança na maneira de atar a gravata e no jeito de movimentar a bengala” (SOUZA, 1987, p 137). Ou seja, os homens podem ter deixado de lado perucas empoadas, sedas vistosas, rendas e babados, mas isso não deu lugar à renúncia à moda, mas sim, a uma nova maneira de buscar a elegância.

A autora cita o livro de J.C. Flugel na bibliografia, mas ao longo do livro não usa o termo “grande renúncia masculina”. Ao deixar de lado a teoria então grandemente aceita pelos estudos sobre moda do século XIX, a socióloga anteciparia (ainda que de forma discreta) o questionamento acerca dessa teoria, que mais efetivamente só seria discutida pela historiografia da moda na virada do milênio, com o lançamento do livro *The Hidden Consumer: Masculinities, Fashion and City Life 1860-1914* de Christopher Breward e o dossiê sobre moda masculina organizado pelo mesmo pesquisador para a revista *Fashion Theory* lançada em 2000 (neste, o tema é abordado mais especificamente no artigo “Fashioning the gentleman: A study of Henry Poole. and Co. Savile Row Tailors 1861-1960” de Fiona Anderson.

Seu trabalho traz ainda uma nova abordagem no que diz respeito à relação entre as mulheres das elites e a moda. Em seu entender a moda não era apenas uma forma de opressão das mulheres, mas era também uma maneira de realização pessoal para as mulheres das elites do século XIX, sobretudo àquelas que viviam exatamente dentro das normas em voga no período, ou seja, como mãe, esposas e donas de casas. Esse pensamento se

coaduna com aquele que a historiadora inglesa Elizabeth Wilson propagaria no último capítulo de seu livro *Adorned in Dreams* publicado em 1985. Nesse estudo a autora questiona a falta de interesse dos estudos feministas pela moda, o que se justificaria pelo fato das feministas naquele momento entenderem a moda unicamente como forma de controle dos corpos femininos, logo a classificando como forma de opressão – posição que a historiadora britânica critica, pois tal como Gilda de Mello e Souza entende a moda como importante forma de elaboração das identidades femininas.

No livro da socióloga brasileira, a importância da moda para a constituição da identidade feminina é explicitada na passagem a seguir:

‘Abandonada a si mesma, a mulher aplicou aquela curiosidade desassossegada de se encontrar, que o ócio acentuava, no interesse pela moda. Enquanto ao companheiro a sociedade permitia a realização integral da individualidade na profissão, nas ciências ou nas artes a ela negava interesses de outro tipo além dos ligados à casa, aos filhos e a sua pessoa. Era como se não tivesse um cérebro, como se o exercício da inteligência tornasse duro os seus traços e lhe empanasse o brilho da virtude.’ (SOUZA, 1987, p.99)

Nesse contexto a socióloga observa que

‘Tendo a moda seu único meio lícito de expressão, a mulher atirou-se à descoberta de sua individualidade, inquieta, a cada momento insatisfeita, refazendo por si o próprio corpo, aumentando exageradamente os quadris, comprimindo a cintura, violentando o movimento natural dos cabelos. Procurou em si – já que não lhe sobrava outro recurso – a busca de seu ser, a pesquisa atenta de sua alma.’ (SOUZA, 1987, p. 100)

Essa percepção acerca da mulher parece ter permeado seu pensamento, mesmo após a conclusão de sua tese, pois em entrevista concedida em 1984 à professora da USP na área de Literatura Walnice Nogueira Galvão, ao ser questionada sobre a situação da mulher no mundo contemporâneo, respondeu: “(...)A exploração também gera defesas, formas sutis de resistência, de poupança, a valorização resistente dos miúdos, das sobras” (p. 56)

Ou seja, vestir à moda, não era necessariamente uma opressão, mas também uma forma de invenção de si mesma para as mulheres das elites do século XIX, invenção essa, que se dava através da escolha de tecidos, bordados, passamanarias, flores e outros detalhes das roupas.

Por outro lado, Gilda de Mello e Souza não deixa de reconhecer que a moda então em voga “excluía” a mulher da modernidade que então se instaurava e suas novidades. Afinal, como conciliar anquinhas e viagens de trens, por exemplo? Ou seja, enquanto as roupas masculinas eram feitas para se integrar ao espaço público, as roupas femininas às separava desse espaço, pois tais peças eram cheias de armações, caudas e espartilhos, que não combinavam com os passeios pela cidade e com as viagens, de tal forma que foi preciso criar trajés específicos para viagens e para a permanência nas ruas (como visitas e pelerines que encobriam as mulheres, “protegendo-as” dos olhares de estranhos) ao longo do século XIX.⁹

A inadequação das roupas ao espaço público seria no entender de Gilda, uma consequência do antagonismo entre os sexos que marcaria os papéis sociais masculinos e femininos nos oitocentos. Assim, em seu entender que se estabelece no período uma grande diferença entre as roupas usadas por homens e mulheres no que diz respeito à cor, tecidos e formas. A socióloga observa que as mulheres tinham maior liberdade na escolha de cores e tecidos, enquanto os homens precisavam se conformar à lã e ao linho, nas cores aos tons de azul, cinza, preto e marrom, além do branco das camisas e roupas de baixo, deixando as cores mais vivas e os tecidos mais brilhosos apenas para coletes e gravatas.

É, entretanto em relação à forma traça uma observação bastante original. Gilda de Mello e Souza nota que ao longo do século XIX as silhuetas masculinas e femininas seguirão sempre a mesma forma básica, ainda que alguma variação, sendo que as linhas dos trajés femininos formariam um **X** e dos masculinos um **H**. Para comprovar a hipótese cria ilustrações para uma linha do tempo da moda no século XIX (veiculada em seu livro) na qual é possível perceber como tais formas são presentes nos vestuários de ambos os sexos no decorrer dos oitocentos. Neste ponto, a autora parece partir de uma das questões que permeia o livro *A vida das formas* de Henri Focillon (que também consta em suas referências bibliográficas): “Que lugar ocupa a forma no tempo e como se comporta?” (s.d., p. 85).

⁹ Sobre esse tema ver PERROT, Michelle. Mulheres públicas. São Paulo: Unesp, 1998.

É possível que as ideias de Henri Focillon, para quem “espaço e forma se criam reciprocamente” (sd., p. 47), também tenham influenciado a autora no que diz respeito a sua concepção de moda como arte. Para Gilda de Mello e Souza, a moda poderia ser considerada uma arte quando em relação com o corpo em movimento, ou seja: “Enquanto o quadro só pode ser visto de frente e a estátua nos oferece sempre a sua face parada, a vestimenta vive na plenitude não só do colorido, mas dos movimentos.” (1987, p. 40), e ainda que as roupas escolhidas na modista ou nas lojas de departamentos só se realizam plenamente quando encontram nossos corpos e gestos. Antecipando assim uma preocupação que viria a permear os estudos sobre moda e cultura material realizados a partir do final da década de 1980, quando autores como Elizabeth Wilson (1985), Lou Taylor (2002) e Jeffrey Horsley (2013) começam a questionar as limitações das roupas quando conservadas em coleções museológicas e passam a vestir apenas manequins estáticos deixando de lado todo o potencial do movimento sobre a roupa.

A preocupação de estudar a roupa em movimento pode ser observada também nos usos que faz da literatura do século XIX, pois as narrativas do período constantemente revelam detalhes dos ruídos feitos pelos tecidos das saias e anáguas provocados pelo caminhar das mulheres, a tensão presente no encontro de duas mãos enluvadas num baile da boa sociedade ou a sensualidade dos decotes e braços à mostra. Nas citações que faz em seu livro e no artigo “Macedo, Machado, Alencar e as roupas” de trechos dos romances do século XIX é possível vislumbrar a importância da relação corpo/roupa naquelas narrativas.

Considerações Finais

Portanto, se o livro *O Espírito das Roupas* mesmo com um hiato de 37 anos entre a sua realização e a publicação por uma editora de grande porte teve e ainda tem boa aceitação, não é apenas por conta de seu pioneirismo, mas possivelmente, porque seu olhar afiado trouxe para o texto uma série de temas, questionamentos e fontes pouco comuns na bibliografia sobre moda produzida à época.

No âmbito internacional, Roland Barthes iria renovar os estudos sobre moda a partir da segunda metade dos anos 1960, com o livro *Sistema da moda*

que ao mesmo tempo trazia novas perguntas acerca da produção de sentidos para o vestuário através do texto, também produziu um livro de difícil digestão e que o próprio autor viria a apontar como um trabalho menor em sua produção¹⁰. Gilda de Mello e Souza, cujos trabalhos foram publicados exclusivamente em português, produziu alguns anos antes, um trabalho tão inovador quanto o do semiólogo francês, mas com texto muito mais palatável e que ao contrário do texto de Barthes, pouco perdeu sua atualidade.

Referências

- ANDERSON, Fiona. *Fashioning the gentleman: A study of Henry Poole. And Co. Savile Row Tailors 1861-1960*. In: *Fashion Theory*. Vol. 4, no. 4, 405-426.
- AUGUSTO, Sérgio. A significação da moda sai do baú do século 19. In: *Folha de S. Paulo*, 23 de abril de 1987 (Ilustrada p. 1).
- BARTHES, Roland. *Sistema da Moda*. Lisboa: Edições 70, 1981.
- _____. Sobre o "Sistema da Moda". In: *Inéditos vol.3: imagem e moda*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BONADIO, Maria Claudia. "A produção acadêmica sobre moda na pós-graduação stricto sensu no Brasil." *IARA: revista de Moda, Cultura e Arte*. São Paulo 3.3 (2010).
- BREWARD, Christopher. *The Hidden Consumer: Masculinities, Fashion and City Life 1860-1914*. Manchester: Manchester University Press, 1999.
- Entrevista à Walnice Nogueira Galvão. In: GALVÃO, Walnice Nogueira (org.). *A palavraafiada*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2014.
- FLÜGEL, John Carl. *The psychology of clothes*. International Universities Press, 1969.
- FOCILLON, Henri. *A vida das formas*. Lisboa: Edições 70, s.d..
- GALVÃO, Walnice Nogueira. Gilda de Mello e Souza, um percurso intelectual. In: *Revista USP*, São Paulo, n.69, p. 106-116, março/maio 2006.
- HORSLEY, Jeffrey. Re-presenting the body in fashion exhibitions. In: *International Journal of Fashion Studies*. Vol. 1, no. 1, 2013.
- JÚNIOR, Bento Prado. "Gilda de Mello e Souza." *Discurso* 26 (2006): 15-18.
- MATOS, Maria Izilda S. de; SAMARA, Eni de Mesquita; SOIHET, Raquel. *Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUC, 1997.
- PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. São Paulo: Unesp, 1998.

¹⁰ No prefácio de seu livro *Sistema da Moda* (1981), Roland Barthes afirma que a pesquisa ali apresentada já era "datada" e em entrevista ao *Le Monde* por ocasião do lançamento do livro em abril de 1967 explicou que os "conceitos operacionais" nos quais a pesquisa se baseava "se não foram contestados, foram consideravelmente remodelados nos últimos anos por pesquisas como as de Lévi-Strauss ou de Lacan" (2005, 379) e que sua semiologia seria de certa forma "ingênua". Na mesma entrevista profere ainda o seguinte comentário "Por mais limitado que seja esse livro sobre a moda, ele formula o problema de saber se existe um objeto que se chama vestuário de moda" (2005, p. 376)

PIRES, Dorotéia Baduy. "Revisão bibliográfica sobre moda em língua portuguesa." *Ciência e Cultura* 62.2 (2010): 38-44.

PONTES, Heloisa. "Modas e modos: uma leitura enviesada de O espírito das roupas." *Cadernos pagu* 22 (2004): 13-46.

_____. A paixão pelas formas. *Novos Estudos - CEBRAP*, 74 (2006) 87-105.

SOUZA, Gilda de Mello e. *O Espírito das roupas: a moda no século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *A ideia e o Figurado*. São Paulo: Duas Cidades, Editoria 34, 2005.

TAYLOR, Lou. *The study of dress history*. Manchester Press University: Manchester, New York, 2002.

VEBLEN, Thorstein. *A teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

WILSON, Elizabeth. *Enfeitada de Sonhos: moda e modernidade*. Lisboa: Edições 70, 1989.